



VILA VERDE EM SEU

ASSINATURA :
 Continente . 25\$00
 Estrangeiro 40\$00
 AVULSO . 1\$00

Quinzenário Regionalista

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE N.ª S.ª DO ALÍVIO

Director e Editor ANTÓNIO M. V. SOUSA

VISADO PELA CENSURA

Administração . Res. Paroquial de Prado - Tel. 9223 — BRAGA

Comp. e imp. na Tip. «Diário do Minho» — BRAGA

AVENÇA

TODOS AO ALÍVIO

Santuário do Alívio

Há 162 anos (a 18 de Agosto de 1794) que D. Frei Caetano Brandão, Arcebispo de Braga, passou Provisão para se poder edificar no Monte da Gandra, nos limites da freguesia de Soutelo, uma capela sob a invocação de Nossa Senhora Maria Santíssima, que mais tarde tomou a designação de Nossa Senhora do Alívio, que ainda hoje conserva.

Foi requerida essa licença pelo Abade Francisco Xavier Leite Frágoas, sucessor do último Abade leigo de Soutelo — o fidalgo da Casa da Torre — D. António de Magalhães Feio de Azevedo Coutinho, Arceediago da Labruja, de quem, segundo se crê, existe um retrato a óleo, em poder do Ex.º Sr. Conde de Aurora, que era uma das treze dignidades inerentes ao Cabido da Sé de Braga e Comissário do Santo Offício. O Abade Frágoas foi homem de grande arrojo e iniciativa e a ele se deve a construção da magnífica Igreja de Soutelo e o respeitável número de estátuas a representar Santos, que tiveram o nome de Francisco.

Certo dia, porém, o Abade Frágoas adoeceu gravemente a ponto de se recluir pela sua vida. Esteve assim quatro longos meses. O povo de Soutelo, que o estimava devéras, dirigia fervorosas orações a Deus pela conservação da vida e restabelecimento do seu amado Pastor e informava-se, hora a hora, do andamento da doença.

O próprio Abade Frágoas, muito devoto da Santíssima Virgem fez voto de Lhe erigir uma ermida no monte da Gandra — o ponto culminante da freguesia.

E' tradição que a Virgem Imaculada escutou a prece do Seu fervoroso devoto e Se dignou aparecer-lhe em visão.

Dai nasceu o plano da construção do já famoso Santuário, que teve origem modesta, mas se vai desenvolvendo gradualmente.

Em 6 de Setembro de 1797, encontravam-se prontos os quatro sinos que foram encomendados ao fundidor José Félix Pereira dos Santos, de Braga, para figurarem no torreão da capela.

Está situado à cabeça das actuais edificações do Santuário e, depois da construção da primeira torre, serve de depósito da água, com as sinceras tapadas. Estes sinos, que passaram primeiro para a

(Continua na 2.ª página)

Realiza-se hoje a grandiosa peregrinação ao Santuário do Alívio, saindo às 11,30, de Vila Verde para as regiões do Norte, do cruzeiro de Soutelo, para as do lado Sul

Senhora da Assunção

Resolveu a distinta direcção do nosso respeitável «Vilaverdense», dedicar um número especial a Nossa Senhora do Alívio, mestra de todos os que trabalham para que este nosso ilustre periódico seja uma consoladora realidade do nosso vasto concelho e seja uma homenagem perene à mãe de Deus e dos homens desde a sua infância até à idade mais longa que lhe desejamos. O nosso periódico há-de concorrer para aumentar a devoção do povo deste concelho à Senhora do Alívio, no seu grandioso santuário onde tantas pessoas, em atitude de veneração, vêm pedir alívio para os seus males e bálsamo para as doenças do corpo e da alma. Na peregrinação anual que se tem realizado todos os anos, somos testemunhas de muitas orações e cânticos que se elevam ao céu e que lá chegam purificados pelas mãos da Senhora do Alívio.

Além dos cânticos e orações, temos visto várias mães de família, com as suas criancinhas ao colo e os joelhos em terra, cumprirem os votos que fizeram à consoladora dos aflitos, em horas tristes da vida, quando a doença e até a morte batiam à porta das suas casas.

Podemos afirmar que a terra e as areias em volta do magestoso templo, são ensopadas no sangue dos devotos agradecidos à Senhora cujo poder no céu é ilimitado em atenção à sua valiosa intervenção junto daquele a quem foi dado todo o poder no céu e na terra.

Quando o autor destas linhas recebeu o convite para colaborar nesta homenagem à Senhora do Alívio, celebrava-se na igreja católica a oitava da festa da assunção de Nossa Senhora ao céu, por isso pediu que lhe permitissem escrever duas palavras sobre este mistério.

Como lhe foi concedido esse favor, aí vão alguns princípios fundados na doutrina dos santos padres e ao mesmo tempo pede aos leitores a fineza de lerem o que fica escrito não por se julgar competente para exercer tão honrosa função, mas para prestar homenagem àquela Mãe que nos há-de ajudar a resolver o grande problema que nos deve preocupar durante a nossa existência, sobre a terra e que é a salvação da nossa alma.

Como a Santíssima Virgem foi isenta do pecado que maculou todos os filhos de Adão, parece que não devia estar sujeita à lei da morte, pois esta é uma consequência da grave culpa consentida por aqueles que Deus tinha criado e elevado à

(Confinna na 2.a página)



O ressurgimento espiritual

do Santuário de Nossa Senhora do Alívio

No «Diário do Minho» de 21 de Novembro de 1943, escrevi: «Afirmavam que transformar o paganismo da festa de Nossa Senhora do Alívio numa romagem de piedade, em honra de Nossa Senhora, seria atentar contra uma tradição, afastar o povo deste Santuário tão célebre, levá-lo à ruína. Enganaram-se os que assim pensavam, porque não conhecem a fé do vilaverdense. Chamar tradição a brutescas danças, a bacanais de gala e impudicícia, a abusos inqualificáveis não é bem... Quem estas linhas escreve já, há dois anos, escrevia no jornal da terra — que o Alívio entraria em franca decadência, se não transformasse a sua romaria em conformidade com a verdadeira tradição cristã?»

No jornal «A Folha de Vila Verde», do dia 31 de Agosto de 1941, escrevi: «Por isso, julgamos que a base para desenvolvimento e restauração dum Santuário é desenvolver o sentimento religioso e atrofiar os abusos pagãos. Somos amigos da folclore minhota, mas não partidários dos que dizem ou julgam que apenas se manifesta dançando. O povo, quando reza, mostra muito melhor a sua folclore. Que é a folclore senão a manifestação exterior, regionalista dos sentimentos da alma? Pois o primeiro sentimento do homem é a religiosidade, que se deve manifestar pelos actos próprios...»

Na «Folha de Vila Verde», do dia 9 de Novembro de 1944, escrevi: «O Santuário de Nossa Senhora do Alívio, magestoso templo erguido nas margens da confluência do Homem e do Cávado, ocupa

(Continua na última página)

Santuário do Alívio

(Continuação da 1.ª página)

torre do lado nascente por ter sido a primeira a construir-se, instalaram-se depois na de poente, em que se encontram.

O sino maior, denominado da Senhora do Alívio, com o peso de 15 arrobas e 19 arráteis e meio, a 300 reis cada arráteil, importou, com ferragens e outros aprestos, em 166\$100 reis.

O segundo, denominado de "O Menino Deus" com o peso de 7 arrobas e dois arráteis e quarta, importou, com ferragens e aprestos, em 74\$615 reis.

O terceiro, denominado de "S. Francisco Xavier" com três arrobas e nove arráteis e meio, com ferragens, porca e aprestos, 33\$010 reis.

O quarto — sineta pequena das Almas — com duas arrobas, vinte e um arráteis e quarta, com todos os aprestos, importou em 18\$525 reis.

Também nesta data se encomendou uma chapa de cobre para a impressão de alguns milhares de estampas, o que tudo custou 39\$390 reis.

Em 30 de Julho de 1798, achava-se concluída a capela e ornada com toda a decência para nela se proceder aos actos do culto.

Nova Provisão autorizava que o fundador a benzesse na forma do Ritual Romano, cerimónia que teve lugar no dia 7 de Setembro desse mesmo ano.

Teve o devido relevo; nela estiveram presentes os Rev. os Padres Francisco Afonso, Marcelino e Leão, todos três irmãos e da freguesia da Laje; o Padre Manuel António Rodrigues, do lugar da Ponte, freguesia de Soutelo; o Padre João Rodrigues, do lugar da Aldeia, freguesia da Loureira; e o Padre Fráguas, usando da palavra, que a comoção e alegria lhe sofocavam na garganta, por ser, como disse, um dia mais feliz que o da sua ordenação sacerdotal, anunciou publicamente que o novo título do pequenino templo passava a ser de "Nossa Senhora do Alívio".

Deste modo foi aberta ao culto público.

O fundador daquele incipiente Santuário acertara com o nome da Padroeira, que ia ser, pelo futuro além, um inexgotável manancial de consolações e graças, sob a auspiciosa designação de "Senhora do Alívio".

Nenhum mortal poderá impunemente eximir-se da necessidade da protecção de Nossa Senhora do Alívio; mas a dor que afflige os corações maternos com o receio de perder os filhos inocentinhos, inspira que a Ela recorressem, como sua especial Advogada, tantos milhares de mães que, cheias de ternura, apertam ao seio as tenras criancinhas. E nas grandes romagens da actualidade é belo e cheio de poesia o exemplo edificante que emprestam a verdadeiras consagrações e manifestações de fé.

Dois dias depois, ou seja, 9 de Setembro de 1798, realizou-se uma comvente cerimonia religiosa na igreja matriz de Soutelo e a imagem de Nossa Senhora do Alívio foi processionalmente conduzida ao templo do monte da Gandra.

Para se reviver a devota e vistosa caminhada até àquele lugar, ainda erizado de mato e penedia, mas festivamente embandeirado, tenha-se diante dos olhos as simbólicas figuras da procissão: doze Anjos; doze Apóstolos; o Padroeiro (S. Miguel) a cavalo, tudo com gravidade, com mais figuras de pretos com saíotes e penachos; carro das ervas com meninas dentro a deitar espadanas e mentrastos; uma figura lançando água; as Amazonas; boi bento; São Jorge; confrarias emergindo de todo este conjunto bíblico os dois formosos andores, da Senhora do Alívio e do Menino Deus. Na cauda da procissão, duas companhias de soldados, com seus instrumentos bem sonoros, fechavam o brilhante cortejo.

De um velho manuscrito existente no Arquivo do Santuário, e no qual se contém outros documentos de aprovação e confirmação, vamos transcrever os primeiros Estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Alívio.

Pelo seu Proêmio se pode aquilatar do sabor místico e do conhecimento de sociologia cristã de que era dotado o fundador do Santuário, que superintendeu na elaboração dos

"Estatutos da Confraria de Nossa Senhora do Alívio na sua Capela, sita no monte da Gandra da freguesia de São Miguel de Soutelo, Arcebispado de Braga, Erepta no anno de 1800.

(Continua)



A Casa João Luís

DE

João Luís Soares, Sucrs, L. da

S. Paio de Merelim — Telef. 2263

Agradecida aos seus muitos fregueses, comunica que apresenta por todo o mês de Setembro GRANDES SALDOS A PREÇOS BARATÍSSIMOS, assim como o seu afamado algodão de urdir.

LIVRARIA PAX EDITORA

Papelaria-Artigos religiosos e escolares

— DE —

Laurinda das Passas Caelha

Participa a todos os estimados colaboradores, clientes e amigos que ABRIU novamente a **Livraria PAX** e as acreditadas **Officinas Gráficas PAX** esperando as suas prezadas ordens e desde já agradece as provas de estima e consideração que tem recebido.

Officinas de Tipografia e Encadernação
R. DO SCUTO, 75 — Tel 2604 — BRAGA

Senhora da Assunção

imerecida dignidade de verem o Senhor por toda a eternidade. Eis a razão por que alguns dos Santos padres duvidaram da morte de Nossa Senhora e outros defenderam a sua imortalidade.

Deus, porém, quis que a Nossa Mãe do céu fôsse em tudo semelhante ao seu filho que morreu na cruz e por isso quis que ela também morresse. O imortal pontífice Pio XI diz que Nossa Senhora terminou a sua vida como nós porque ela foi resgatada não pela graça de Deus criador, mas de Deus redentor e esta não influa propriamente a imortalidade.

O actual pontífice Pio XII, ao definir o dogma da assunção de Nossa Senhora ao céu em corpo e alma, prescindiu da sua morte, no entanto, em várias partes da bula definitiva, fala da morte da nossa mãe do céu.

Que Nossa Senhora morreu, ainda que não seja doutrina definida, é sentença comum dos teólogos e a única que se pode chamar conforme com a tradição e o magistério ordinário da igreja.

Desde o século III os santos padres falam da morte de Nossa Senhora. No oriente, São Gregório Niceno, no ocidente, o inescutível Santo Agostinho, que foi convidado para o grande concílio de Efeso, em que se definiu o dogma da maternidade divina de Maria Santíssima. O áulico Ebagnio que lhe levava um convite especial, redigido nos termos mais elogiosos, limitou-se a trazer a notícia do seu falecimento ocorrido a 28 de Agosto de 430, e deste modo o grande Bispo assistiu à illustre assembleia de Efeso de 22 de Junho de 431, lá de junto do trono de Maria Santíssima que veneramos no nosso santuário com o título de Senhora do Alívio.

Desde o século XIII todos os teólogos defenderam a ressurreição antecipada da mãe de Deus, portanto falaram da sua morte e da vitória sobre a mesma, pois o seu corpo não espera no túmulo a ressurreição no último dia, mas ressuscitou antecipadamente e foi glorificado no céu.

A oração da missa do dia 15 de Agosto que se rezava até ao ano de 1950 e atribuída a Sérgio (687-701) falava expressamente da morte temporal de Nossa Senhora.

Depois da sua morte foi elevada ao céu em corpo e alma, portanto o seu venerando corpo foi livre da corrupção e glorificado no céu. O Santo Padre, que felizmente preside aos destinos da igreja, encheu de alegria o

povo cristão quando declarou dogma de fé a assunção de Nossa Senhora ao céu em corpo e alma. E' que, quando um filho estima a sua mãe a valer, fica satisfeito em vê-la elevada à maior grandeza, por isso não admira que em toda a cristandade se tenham realizado grandes solenidades em honra daquela Senhora que está no céu em corpo e alma e que é omnipotente diante do altíssimo.

Todos os seres que existem no céu, são espiritos apenas, excepto aquele a quem foi dado todo o poder e a obra prima das suas maravilhas, de quem se dignou tornar filho para nos salvar e elevar ao estado que tínhamos perdido nos primeiros pais.

Já antes da definição dogmática existia a crença universal, segundo a qual Nossa Senhora tinha sido elevada ao céu em corpo e alma, ora essa crença é um argumento certo e firme de que a assunção de Nossa Senhora ao céu é uma verdade pertencente ao depósito da revelação divina, portanto a doutrina da assunção de Nossa Senhora ao céu antes de ser declarada pela Santa Igreja, foi revelada por Deus. Desde o século XIII até ao nosso tempo a fé na assunção foi certa e imperturbada.

A festa da assunção já era celebrada desde o século VI, em Alexandria, no princípio do mesmo século, em Jerusalém, no século XII, nas Gálias e IX em Espanha.

O objecto desta festa não só era a negação da corrupção do corpo de Nossa Senhora, mas também a sua glorificação e entrada triunfal no céu.

Podemos rezar com a liturgia oriental «aquele que guardou a vossa virgindade no parto, também conservou o vosso corpo no sepulcro e o glorificou no céu. Concluimos que temos a nossa Mãe no céu, em corpo e alma e que era impossível estar sujeita à corrupção do túmulo aquela que concebeu o filho de Deus, o deu à luz, o alimentou com o seu leite virginal, o seguiu nos seus braços e o estreitou ao seu peito e o teve sempre junto do seu coração.

Não podia estar separada de seu filho quanto ao corpo e alma Aquela que é a immaculada conceição, Aquela que é a Mãe de Deus, Aquela que é a corredentora de todos aqueles que foram resgatados pelo seu divino filho.

Que Nossa senhora do Alívio abençoe o nosso concelho de Vila Verde, os párocos de todas as freguesias, os pecadores, que

Pelo Pico

de Regalados

Gomide em festa

Em 23 de Outubro, do ano findo, o povo desta freguesia viveu intensas horas de justificado contentamento com a inauguração da estrada de ligação à Vila do Pico, melhoramento de reconhecido alcance económico e, portanto, de grandes vantagens materiais, além de outras que, igualmente, interessam ao aglomerado social. No mês corrente, possivelmente, no dia 30, será inaugurado o edifício escolar, construído em conformidade com o Plano dos Centenários e cuja construção obedece aos devidos requisitos pedagógicos e higiénicos. Para que essa inauguração seja assinalada com o relevo que merece tão importante melhoramento, o povo desta freguesia prepara-se para imprimir a esse acto a imponência de que e digno, tanto mais que devera ser adiantado com a presença dos Ilustres Chefe do Distrito e Presidente da Câmara Municipal e ainda de outras entidades que para esse efeito serão convidadas. Uma solenidade religiosa ao SS. mo Sacramento, com missa, solene, sermão e procissão, precedera aquele acto, aliando-se assim essa devoção ao regosijo popular. Também não faltarão os divertimentos característicos que o povo desta aldeia mantém como tradição das danças e cantares regionais e mais ainda, o que se ouvirá, isto é, uma banda de música, um alti-talante, o estalejar de toguetes e o repique de sinos, etc. Entim, vai ser *um dia grande* para a História desta freguesia, porque vê desaparecer as algemas do retrocesso e surgir no horizonte do seu futuro o cenário de uma felicidade que o passado escondia na sua avareza não dando a este bom povo o direito de viver integrado num ambiente de bem merecida prosperidade, porém, como «*não há mal que sempre dure*», a presente geração legará às gerações futuras aquilo que os antepassados não puderam gozar por não terem encontrado quem lhes tizesse a justiça a que todos os povos têm direito, ou seja, de serem beneficiados com o indispensável conforto. Ainda bem que, quanto a Gomide, essa justiça chegou, quer por parte do Governo da Nação, quer pela do Presidente da Câmara, prezado amigo, Senhor Dr. António dos Santos Ferreira, legítimo e consciente orientador dos assuntos inerentes à Administração Municipal, pessoa a quem esta povoação muito fica a dever não só pelos melhoramentos referidos, mas, com certeza, ainda por outros que ficam a aguardar a sua esclarecida atenção. Bem haja e Deus lhe pague.

Gomide, Setembro de 1956

Mário Meneses

são os seus filhos mais necessitados, os nossos superiores eclesiásticos e civis e os doentinhos do nosso concelho.

Que o dia 16 de Setembro seja um daqueles em que a nossa querida Mãe do céu estenda o seu manto protector sobre o nosso concelho para abençoar aqueles que hão-de cantar os seus louvores.

Fazemos votos para que o nosso «Vilaverdense» seja a tuba sonora a convidar todo o povo deste concelho para uma devoção mais filial à Senhora do Alívio.

Um devoto da Senhora do Alívio

A atracção da cidade

Quis o illustre Director de "O Vilaverdense" honrar-me com a publicação, neste Jornal, de apagada prosa da minha autoria. Procurarei desempenhar-me da missão o melhor possível, embora reconheça que uma pessoa longe da terra onde se publica um órgão regionalista, e portanto desconhecadora de muitos problemas de feição local, não se acha em condições de os abordar; e se, para fugir à dificuldade, preferir os assuntos de carácter geral, arrisque-se a repisar questões já tratadas nos jornais de grande informação.

Ora há tempos, enquanto pensava nestas e noutras coisas na sala de espera de um dentista, um senhor idoso, bem vestido e mal disposto, que lá estava, levantou-se de repente e foi fechar as janelas. Como nos dentistas toda a gente se acha ensimesmada e também mal disposta, só uma pequena de cinco ou seis anos deve ter estranhado o acto do senhor. Perguntou-lhe ela se, apesar de ser Verão, ele sentia frio, ao que o interpretado, por entre dentes, respondeu que não; que apenas não podia suportar o irritante barulho de uma dessas máquinas de preparar cimento armado que funcionava numa obra próxima.

— Haverá alguém que não ande cheio destes malditos ruídos espalhados por todos os cantos da cidade? — inquiriu o senhor.

Para dizer alguma coisa e aligeirar o ambiente, tentei acalmá-lo emitindo a opinião de que os ruídos não deviam durar toda a vida porque, mais dia menos dia, não seriam precisas tantas casas.

O enervado senhor olhou-me com espanto e afirmou, categóricamente: pois fique sabendo que isto nunca mais pára e que ainda há-vamos de assistir à construção de beliches dentro dos quartos para se abrigar toda a gente que vem para Lisboa.

A conversa pegou e mais tarde, a caminho de casa e balançando no segundo piso de um autocarro, meditei seriamente no assunto, enquanto o motorista procurava vencer, lentamente, as complicações do trânsito.

O problema da fuga para a cidade, não é novo, nem cá dentro nem lá fora e deve-se, entre outras causas cuja enumeração não vem ao caso, ao desenvolvimento do comércio e da indústria. M. Fallex e A. Gibert, esclarecem que em França, por exemplo, a percentagem da população rural era no ano de 1846 de 75% e que, no ano de 1930, a mesma percentagem baixara para 53% em relação, claro, ao total da população. A atracção da Cidade exerce-se, em regra, em detrimento da Agricultura. Em Portugal também se verificou o mesmo e só lamento não dispor de espaço para reproduzir alguns elementos elucidativos.

Da última guerra para cá o fenómeno acentuou-se extraordinariamente. Lisboa cresce a olhos vistos e a certas horas dificilmente se anda na *Baixa*, de carro ou a pé.

O fenómeno será bom ou será mau? Os entendidos é que o podem dizer, mas parece que para se formar opinião segura em relação a determinado país é necessário conhecer primeiro as condições de vida do mesmo, sobretudo no respeitante aos factores económicos e demográficos. Há dias disse-me pessoa amiga e conhecedora da matéria que alguns técnicos norte-americanos concluíram pela inconveniência de cidades com mais de 500.000 habitantes. Daí para cima, pensam eles, os problemas aumentam com o aumento da população, isto é, surgem graves dificuldades com habitações; transportes colectivos; fornecimento de energia eléctrica, gás e água; saneamento e limpeza; regulamentação do trânsito, etc. Embora a tese referida não se afigure nada fácil de concretizar, ela serve, como simples tese, para corroborar a opinião dos que não aprovam o excessivo afluxo de gente aos grandes centros urbanos.

Ora eu acho que para Lisboa está a vir muita gente. Ninguém pode levar a mal, nem muito menos impedir, que cada um, no uso de um direito essencial, procure melhorar o seu nível de vida. A solução do problema está em criar às populações rurais condições que as prendam à terra, que as não animem a procurar na cidade recursos mais largos e comodidades mais tentadoras. De resto, às vezes, esse natural anseio de melhoria material redonda em duras desilusões ou em lamentáveis inconvenientes.

A valorização das economias e dos padrões de vida regionais não é, evidentemente, coisa que se possa pedir como quem pede a abertura de um simples caminho ou se possa realizar de um momento para o outro — tantos e tão complexos são os sectores que para ela concorrem. O governo tem realizado uma vasta obra e continua a realizá-la.

Seria impossível fazer num artigo a sua resenha, mas vem a propósito aludir, pela importância que revestem, às novas obras de hidráulica agrícola anunciadas para o Alto Alentejo, em que o Estado vai gastar 250.000 contos. Isto prova a atenção que merece ao Governo o grande problema da valorização económica da Nação.

Além da acção governativa deve contar-se também com a de organismos e entidades oficiais e com a dos particulares. Se assim não fosse, e apesar do aumento da população, o País arriscar-se-ia a sentir a falta de braços em certas zonas agrícolas e a ter de enfrentar problemas de congestionamento em algumas cidades.

No dia em que os rurais do Minho — por exemplo — auferirem salários mais elevados, abono de família (sobre o qual, não obstante as muitas dificuldades que o envolvem, já há pelo menos um estudo publicado com vista à sua concessão) e muitas outras regalias que ainda não foi possível atribuir-lhes, já não se deixarão seduzir tão fortemente pela mira na cidade.

No século passado, a nossa Província, detentora de uma considerável riqueza pecuniária, chegou a exportar muito gado bovino para a Inglaterra, além do vinho que mandava para a França. Hoje, não falando já no progressivo desenvolvimento industrial, a existência de novas técnicas e portanto de novas possibilidades, no que respeita à exploração agrícola e ao escoamento dos respectivos produtos, permite olhar o futuro com serenidade. Entretanto, a marcha para a cidade vai mantendo mais ou menos o mesmo ritmo.

E foi nesta desenxabida divagação que deu a conversa com o tal senhor do dentista. Para a próxima prometo não voltar a cair em coisas tão pesadas, que são para os entendidos. De resto, cá por mim, limito-me a salientar um fenómeno bem conhecido de toda a gente.

MIGUEL DA CUNHA

José Augusto Vieira

Em Vila Verde e no Alívio

Continuamos a nossa longa excursão. Deixando a vila de Prado e tomando a estrada que vai para Barcelos o passeio é deveras encantador. A planície larga e fresca.

O serpear da estrada vai correspondendo ao serpear do rio. A vegetação abunda como é natural, em terrenos húmidos, batidos largamente pelo sol; tem sorrisos a paisagem, e é neste enquadramento de bucólica, que nos aparece *Cabanelas*, quase sobre à margem do Cávado, debruçada sobre as suas águas transparentes. Corta-a o ribeiro *Purisso*, cujas origens vem do norte, e que no seu curso passa perto do termo de *Cervães*, antigo couro privilegiado, a ponto de não poderem os seus criminosos, fosse qual fosse o crime, ser sentenciados à pena última. Constavam as suas justiças de Juiz ordinário e do civil, crime e órfãos, dois vereadores, procurador, alcaide e escrivães. A sua vetusta Igreja foi convento de templários, e, por extinção destes, pertenceu ao arcebispo de *Couto*, sendo depois do concílio de Trento reduzida a benefício curado. Antes, porém, dos templários foi mosteiro de beneditinos, fundado por S. Martinho de Dume, em 560.

Além da igreja matriz, construção de 1200, como se lê numa inscrição da sua porta travessa, existem na freguesia as capelas de Nossa Senhora da Estrela, edificadas entre duas fragas, tendo no recôncavo os passos da Paixão; e a de Nossa Senhora do Bom Despacho, um pouco mais acimadesta, a que deu princípio, em 1640, o eremita João da Cruz, natural de Monção.

Mais levantadas intenções tinha o eremita, segundo reza a tradição, porque aí pretendia fazer um mosteiro *duplex*; o povo opôs-se, porém, à realização de tal ideia, sendo preciso até que o general das armas da província, D. Diogo de Lima, viesse com tropa socegar esse fermento de revolta jacobina contra as santas intenções do anacoreta, que afinal não desejava senão que as beatas auxiliassem os bons frades... no cultivo da vinha do Senhor!

Um povo terrível este de *Cervães*! Exactamente como o de Prado seu vizinho, com o qual em tudo se parece, até mesmo na indústria das olarias, sendo aí que se fabrica muita da louça de barro ordinário.

Nesta freguesia está a torre de Gondoriz, solar antigo, de que foi senhor Francisco Cunha e Silveira, descendente dos Azevedos.

Visitada *Cervães*, retrocedemos pelo mesmo caminho até Prado, e através dele continuamos na estrada que vai entroncar na que, de Vila Verde, desce até à elegantíssima *Ponte do Bico*, onde chegam os limites (?) da fértil freguesia da *Lameira*. Alveja sobre a nossa esquerda o campanário de *Esqueiros* (?), e namorando o *Cávado*, que junto dela vem já avolumado com as águas do *Homem*, está a risonha *Soutelo*, em cujo terreno se faz o entroncamento das estradas a que aludimos acima, e donde apenas vai a distância de dois passos até ao vasto campo do *Alívio*. Comoromeiros vamos descansar um pouco sob esses frondosos sobreiros e enquanto o nosso espírito e as nossas pernas repousam da excursão feita ao arrepio de 58 freguesias, admiremos a sumptuosa construção do moderno templo, que à *Senhora do Alívio* está levantando a piedade do bom povo minhoto.

(Continua na 6.ª página)

Paroxismo do Crente

Faz bem ao próximo quem
É verdadeiro cristão,
Confortando com seu pão
Aquele que nada tem...

Feliz do ser que faz bem
Sem inquirir da razão
Dos sofrimentos que vão
Conduzindo-o para o Além...

Há criaturas, meu Deus,
Que passam os dias seus
Entregues à Caridade;

Mas sofrem tanto, Jesus,
Quanto sofrestes na Cruz,
Por amor da Humanidade!...

(Inédito)
Rio de Janeiro, 1956

LUSO BRAS

SALAZAR DISSE

Quando o Venerando Chefe do Governo, recentemente entrevistado, pelo jornalista suíço Emile Marini, entre outras reflexões disse:

... O nosso povo, se tiver bom senso, deverá contentar-se com um nível de vida confortável, mas modesto. A vida patriarcal dos velhos tempos, que por toda a parte vai desaparecendo, mantém-se ainda em Portugal, pacífica, modesta, laboriosa, contente.

Não quero dizer que não haja muito a fazer para melhorar a situação.

Os problemas da *Habituação Rural*, das comunicações, da saúde, do rendimento e da remuneração do trabalho, na agricultura como na indústria, do pleno emprego da mão-de-obra, e muitos outros estão sempre presentes no nosso espírito e procuramos-lhes incansavelmente as soluções...

Não vou abalar-me, a comentar o conteúdo das palavras de Sua Ex.cia, mas sim no que diz respeito ao problema da habitação rural. São indesejáveis as palavras de Salazar, ao dizer que no seu espírito estão sempre presentes estas soluções...

Por toda a parte temos o testemunho e as provas. Arejados e higiénicos, bairros de casas de renda económica, são edificados. Nunca o Venerando Chefe do Governo deixou de atender uma justa petição. Se pelos nossos meios rurais não se vê a Lição de Salazar, é porque ainda, não lhe bateram à porta, nada lhe pediram.

Batei e abri-me-vo-s-á. Pedi e receberéis. São palavras do Chefe Divino.

A nossa encantadora Vila de Prado, de tão arreigadas e nobres tradições, beijada carinhosamente pelo Cávado, ora, vagarosa, ora em torrente vertiginosa, ainda não acordou daquele letargo, em que, ficou mergulhada, da sua queda mortal de há cem anos!!

Depois de seis séculos de sede de Concelho, morreu... pobre e sem carinho... como o cantou João Cerqueira. Já lá vão cem anos após esta queda, e Prado ainda não ressurgiu, é o mesmo Prado antigo, ainda ostenta as ruelas velhas, arruinadas e insalubres, tem ilhas sem sol, pardieiros vergonhosos, próximos ou em plena face da estrada nacional, famílias inteiras dormitando imoralmente no mesmo cubículo casebre, duas e três famílias habitando a mesma casa, e estas sem luz nem higiene. Porquê?...

... Porque Prado ainda não bateu à porta de Salazar, pedindo como é de justiça, a criação dum bairro de casas económicas. Prado, que está num crescente aumento de população, tem necessidade urgente de habitações.

Apelo para quem de direito, para que sem receio nem delongas se encaminhem para Salazar. Ele, será atento, dará boa resposta. Ele mesmo o afirma ao jornalista suíço: "os problemas da *Habituação Rural*, estão no nosso espírito".

Avante por um Prado melhor, e em prol do pobre, sem lar nem luz.

REIS

O Vilaverdense no Brasil

A MEMÓRIA DO PADRE AMÉRICO

"Romarias ao seu túmulo com esmolas quotidianas de milhares de escudos" — "Voz de Portugal" de 5-9-56"

SONETO DE LUSO BRAS

Morreu o Padre Américo enlutando

O Espírito Cristão de Portugal!

Sua obra de âmbito nacional,

Criou raízes, vai-se dilatando!...

Aqui veio pedir, sacrificando
Seu dispor de Senhor sacerdotal,
Em prol da infância triste, marginal,
Faminta, semi-nua, ao Céu vagando!...

Qual Diógenes de lâmpada na mão,

O Santo Padre erguia do atro chão

Os pequeninos párias sem destino!...

Conduziu-os à "Casa do Gaiato"
Que ele criou sem laivos de aparato,
Inspirado no Amor puro e divino!...

Rio de Janeiro, 1956.

LUSO BRAS

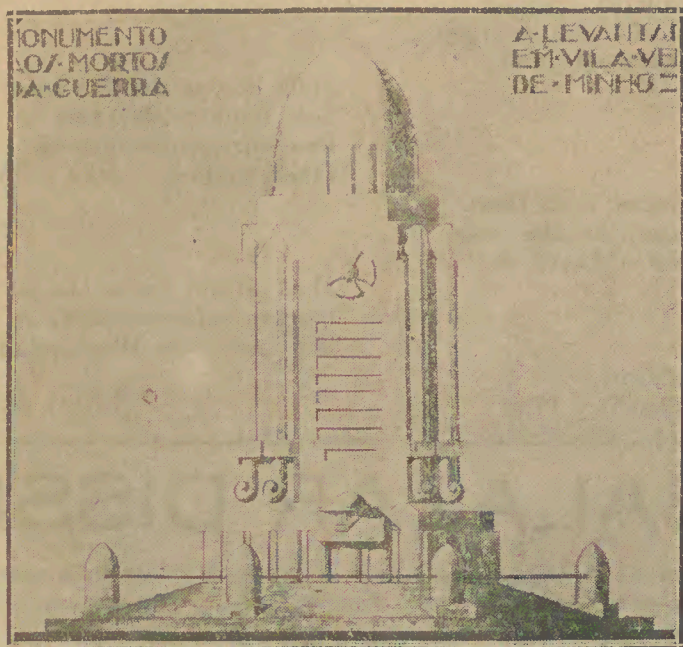
CARTAS AO DIRECTOR

Temos recebido várias do Rio de Janeiro a louvar a iniciativa da publicação deste periódico, muito do agrado da numerosa colónia Vilaverdense no Brasil.

Nomeadamente, escreveram-nos os srs. Francisco Pires de Castro, da Laje; João de Oliveira e José Barbosa, de Barbudo.

Muito gratos pelas boas palavras e quanto a assinatura devem dirigir-se ao nosso correspondente no Rio de Janeiro José M. Vilela de Sousa, residente na Rua Dias Ferreira, 259 — Leblon — Rio de Janeiro.

DE VILA VERDE



Sessão ordinária da Câmara Municipal de Vila Verde do dia 6 de Setembro

CARREIRAS DE CAMIONETAS PARA A RIBEIRA DA PENELA

Da Viação Auto-Motora, de Braga, pedindo que a Câmara se digne patrocinar a pretensão da Auto-Motora de Braga, de melhorar as ligações da Ribeira de Penela, estabelecendo carreiras diárias de Duas Igrejas com os Corvos e também diária dos Corvos a Vila Verde. A Câmara resolveu informar bem.

REPARAÇÃO DE CALÇADA EM DOSSAOS

A Junta da freguesia de Dossãos queixa-se contra António Domingues Correia, de S. Pedro de Escqueiros, por não ter reposto no seu lugar uma calçada que levantou para obras de seu interesse. A Câmara resolveu que seja notificado a repor o caminho no estado primitivo.

UM PARTICULAR EXPÕE A CÂMARA EM ABOIM DA NOBREGA SOBRE UMA OBRA FEITA EM TERRENO QUE DIZ SER SEU

José Lobo Pinheiro expõe que a acusação que lhe foi feita em ter feito diversas obras em terreno público sem licença. Não é verdadeira, porque tais obras foram feitas em terreno que é seu, como prova com documento da Conservatória. A Câmara deliberou pedir a informação da Junta da Freguesia e do Regedor sobre se o terreno é público ou particular.

INSTALAÇÃO DA CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL

A Direcção Geral dos Registos e do Notariado insiste, em officio, para que seja resolvido o problema da instalação da Conservatória do Registo Civil.

PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE N. SENHORA DO ALÍVIO

O senhor Arcipreste de Vila Verde, cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva, convida a Câmara a fazer-se representar na próxima peregrinação do Concelho de Vila Verde ao Santuário de N. Senhora do Alívio. A Câmara resolveu fazer-se representar.

CEMITERIO DE PRADO

O presidente da Junta da freguesia e Vila de Prado pede que a Câmara auxilie as obras que o cemitério desta Vila precisa, em caiamento dos muros e na capela paroquial. A Câmara resolveu conceder 5.000\$00 para o cemitério.

A CÂMARA CONCEDEU ASSISTENCIA

A Câmara resolveu conceder assistência a Maria Aurora da Silva, de Santa Marinha de Oriz, para ser tratada nos Hospitais civis de Lisboa; a Maria das Dores Ribeiro, de Vila Verde, para internamento em Casa de Saúde.

LICENÇAS PARA OBRAS

Concedeu a Câmara licenças para obras: ao Dr. João Providência Sousa Costa e esposa, da Laje, para vedação de terreno junto à estrada municipal; a Ana Rosa Machado, do Campo da Feira, Vila Verde, para colocar uma tabuleta; a Ana da Rocha Leitão, de Chouzela, Duas Igrejas, para reconstruir uma parede à margem de caminho público; a Emílio Soares, de S. Cristóvão do Pico, para altear uma casa junto de caminho público.

Do Tribunal

TRANSGRESSÕES — Direcção dos Serviços Hidráulicos contra Carlos Vieira Torres, de Santa Marinha de Oriz, por infracção ao art.º 230 e 277 do R. S. Hidráulicos.

— A mesma Direcção contra José Marques Pereira, de Vilar, por infracção ao art.º 1.º e 2.º da lei 1083 e art.º 1.º do Decreto 12445.

— A mesma Direcção contra Anacleto da Costa e Castro, de Santa Marinha de Oriz, por infracção ao art.º 230 e 277 dos R. S. Hidráulicos.

— A mesma Direcção contra Eduardo José da Costa de Santa Marinha de Oriz, por infracção ao art.º 230 e 277 referidos.

ACÇÃO CIVIL DE DUAS IGREJAS

Pedem-nos que publiquemos o seguinte ESCLARECIMENTO: Na acção do processo sumário em que foram autores Hermínio José da Costa e mulher, e réus Ascendino de Magalhães e mulher, todos da freguesia de Duas Igrejas, o julgamento não se realizou, terminando esta acção por confissão por parte dos réus, que a tal foram levados em face do compromisso formal que os autores assumiram, perante pessoas de toda a honrabilidade de que pagariam todas as custas do processo.

Aniversário

Celebraram, no dia 15 deste mês, as suas vinte e duas rissonhas primaveras, os irmãos gémeos: — Artur Barbosa Gomes e João Barbosa Gomes, respectivamente estudante no Curso Teológico em Braga, e empregado comercial em Vila Verde.

Seus pais, Augusto Gomes e D. Rosa da S. Barbosa, bem como os irmãos e amigos dos aniversariantes, apresentam sinceros parabéns desejando que esta data se prolongue por inúmeros anos.

«À margem do Homem»

S.ta Marinha de Oriz

9 de Setembro

Baptismos

No dia primeiro de Agosto passado foi baptizada na igreja paroquial desta freguesia uma criança do sexo masculino que recebeu o nome de Manuel Luís, filha legítima de Cândido Soares e de Laura Martins Torres, do lugar dos Barrões.

— No dia vinte e cinco do mesmo mês, recebendo o nome de Sebastião Agostinho, foi o baptismo, na nossa igreja, de uma criança, filha legítima de Carlos Fidalgo de Araújo e de Maria Rosa Martins Gomes, do lugar da Regada.

Óbito

Com a avançada idade de oitenta e sete anos faleceu nesta freguesia o Sr. José Martins (Selisco), morador no lugar da Regada. Paz à sua alma.

Outras notícias

Enviada pela generosidade do Povo e Governo Americano, chegou nova remessa de géneros alimentícios, tendo sido também distribuída a sua quota parte, pelos pobres mais necessitados desta freguesia, em feijão e farinha de milho.

— Depois de passar alguns dias em tratamento nas Termas de S. Vicente de Entre-os-Rios (Douro), acaba de chegar à sua casa da Agrêla o Rev. do P. Manuel Regadas, benquista pároco da vizinha freguesia de S. Pedro de Valbom.

— Devidamente autorizada, abriu no lugar de Outeiro, desta freguesia, uma taberna, gerida pelos seus proprietários Sr. David Antunes Baptista e esposa.

Oxalá, no meio em que funciona, não tenhamos a lamentar, em futuro mais ou menos próximo, a sua abertura.

— Continuando na herança do mês de Agosto, e ainda com mais persistência e desenvoltura, cá nos vai açoitando o mês de Setembro com mais chuva, vento e frio. Se o mês de Agosto parecia de Outono, este Setembro (filho de tão bom pai...) parece de inverno. Com estas condições climatéricas extemporâneas, têm-se ressentido desastrosamente todas as culturas em geral, mas especialmente as que fazem a relativa abundância do pobre ou mesmo do lavrador deste meio, como o feijão (cuja colheita é quase nula), o vinho e o milho (em parte já perdidos e no restante de mui deficiente maturação).

— Na vizinha freguesia de Souto, do concelho de Terras do Bouro, realizou-se hoje uma festividade em honra de S. Roque, na capelinha do mesmo Santo, constando de missa solene e de tarde, na igreja paroquial, exposição, terço e bênção do SS.mo.

Esta festividade, como de costume, foi abrilhantada com uma instalação sonora, para regalo dos moradores da freguesia, que assim puderam apreciar uma e mais vezes o tal «Verdinho» — este ano bem verde, por inclemência do tempo e prova da Providência.

— Com curta demora, veio de visita a esta terra o Sr. António Francisco de Castro, irmão do pároco desta freguesia, tendo retirado a descansar alguns dias na casa de família na Póvoa de Varzim, donde breve regressa aos seus negócios em Rochester, Estados Unidos da América do Norte.

Folgamos lhe bom aproveitamento de férias e feliz viagem de regresso.

„O Vilaverdense”

VENDE-SE:

no Santuário do Alívio, na Agência de Jornais, Revistas e Seguros, em Vila Verde e na residência paroquial de Prado.

Diversas notícias

POR UM MUNDO RURAL MELHOR

No passado dia quatro, no salão paroquial de Vila Verde, pelas onze horas, reuniu-se o clero do concelho de Vila Verde, para tratar da realização da campanha pelo mundo rural melhor.

Tomou a presidência o Reverendo senhor Arcipreste, senhor Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva, ladeado pelo conferente senhor Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e Monsenhor Manuel Fernandes Pereira Mosquera.

O conferente expôs a necessidade de transformar o nosso meio rural através dos organismos da A. C.

Mostrou ser necessária a grande acção de rejuvenescimento dos organismos da A. C. paroquiais, de modo a elevar o trabalho rural, fazendo com que o nosso povo trabalhe com amor à terra.

Expôs o modo de fazer a reorganização da A. C., nos meios rurais, partindo da escolha entre as crianças que fizeram a comunhão solene, começando com elas e com as Ligas da A. C. por serem bases mais seguras.

Depois tratou da campanha da festa ou do dia do trabalho rural, com as suas oferendas.

Generalizou-se depois a discussão dos assuntos expostos, tendo sido demonstrada a conveniência de, no Concelho de Vila Verde, por ser de carácter estritamente rural, se fundarem apenas organismos de A. C. agrários, e ainda de se transformarem os actuais organismos operários em agrários.

Foram ainda ventilados diversos assuntos referentes aos problemas de conduta moral dos elementos da A. C. e propriamente aos modos de organizar o dia rural.

A Igreja Velha de Vila Verde está em ruínas..

QUEM LHE ACODE?

Felizmente que o nosso brado, fundamentado no espírito de respeito pela tradição, chamando a atenção dos vilaverdenses para o estado de calamitosa ruína que ameaça, no próximo inverno, a Igreja Velha de Vila Verde, encontrou eco no sentimento cristão de muitos.

Está garantida a reconstrução daquela Igreja, que, embora não tenha as belezas da arte, nem grande interesse para o exercício do culto, contudo sendo filha da primeira Igreja medieval, onde pelos séculos XI e XII, começou a organização cristã nesta região, e sendo cemitério dos antepassados dos vilaverdenses, e ainda o local onde muitos foram baptizados, casados e receberam a primeira comunhão, é digna de todo carinho.

O passal velho sofreu grandes melhoramentos. Foi aumentado pela transformação das antigas pedreiras; tem um poço que pode regar todo o lugar. Foi circundado de boas paredes e arranjado todo o conjunto à volta da Igreja, tendo sido mais que triplicado o valor do património paroquial.

O Restauro da Igreja Velha, como o povo lhe chama, vai fazer-se sem gastos supérfluos e, dentro dela vão recolher-se todos os restos da antiga Igreja medieval. Já foram encontrados dois pedaços de capitéis românicos.

Está também para identificação um túmulo medieval ou romano. Será o túmulo da esposa ou da mãe de D. Nuno Álvares Pereira, ou do tempo da civilização romana? Num dos aposentos, junto da sacristia, será organizado um pequeno museu da região, se as autoridades eclesiásticas o permitirem.

Mais uma vez verifico que nunca os vilaverdenses deixaram sem corresponder a qualquer apêlo que lhes tenho feito a bem de Vila Verde. Espero que apareçam as contribuições voluntárias de todos os vilaverdenses, especialmente dos que foram baptizados na Igreja Velha.

No terceiro domingo de Outubro vai realizar-se a festa da paróquia sob o patrocínio de S. Paio, nosso padroeiro.

Será feito um cortejo de donativos para a Igreja Velha, no qual colaborarão todos os lugares da freguesia. Vai ser um grande dia para a Sede do Concelho, dia da família vilaverdense; vamos reviver velhas tradições, de que nos falam aquelas pedras venerandas.

Estão nomeadas várias comissões, que voluntariamente assumiram o cargo de salvar a Igreja Velha.

Comissão Central é composta pelos senhores: José Luciano de Sousa, António Fernandes do Lago, José Maria da Silva, Domingos Santos, António do Nascimento Pinho.

Comissão dos lugares do Paço, Oliveira, Cachada, Chelo, Bouça e Pedome: Alvaro Rodrigues da Cruz, Custódio Ernesto da Silva, Amaro Pereira da Mota Lago, Guilherme de Macedo, Custódio Soares da Silva, Palmira Lopes Machado e Helena Moreira.

Comissão do Bom Retiro, Monte de Cima e Monte de Baixo: Manuel Torcato da Costa Pinheiro, José Manuel dos Santos, António Inácio Machado, António Ramos, Beatriz Faria dos Santos, Laura Pinheiro e Elvira Silva.

Comissão da Carvalhosa, Igreja Velha e Quintas: Adelino Alves de Carvalho, Abel Caridade, João Caridade, Manuel Gonçalves Lopes, Manuel Vieira, Maria Eugénia de Carvalho, Júlia Caridade Lopes e Maria de Lourdes Alves Barbosa.

Comissão do Reguengo, Cajide, Outeirinho, Fátias e Poços: Manuel Vilela, Manuel Pimenta, Alvaro Pimenta, Alberto Carvalho, Maria da Glória Vilela de Sousa, Maria Patrocínia Soares e Ester Teixeira.

Os vilaverdenses residentes fora da Vila podem enviar os seus donativos para o Reverendo Pároco ou para a Comissão Central das Obras de Restauro da Igreja Velha.

PADRE DIOGO

CASA FONTE LIMPA

Augusta Games — Vila Verde

MERCEARIA

Sortido completo em géneros alimentícios.

Gosta de bom café?

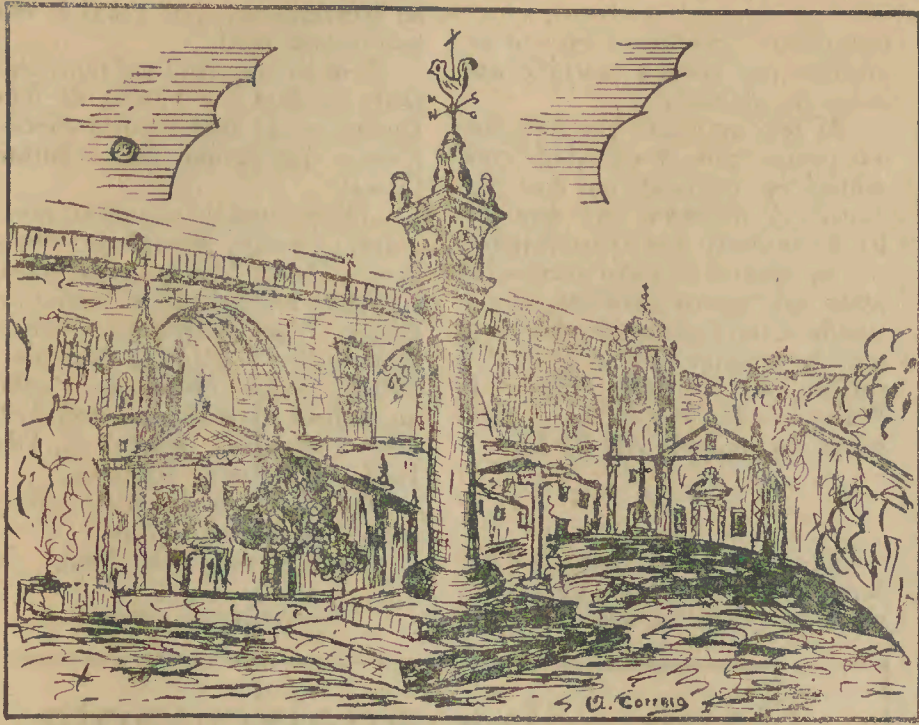
Só nesta casa

A FUNERÁRIA

Serviços fúnebres desde modesto a luxuoso

Preços módicos

POR TERRAS DE PRADO



Prado (Santa Maria)

BAPTISMOS

Receberam o santo baptismo na passada quinzena:

No dia 2, Adelino, filho de José Maria Soares e de Maria Lima e Silva; também no dia 2, Rosa da Felicidade, filha de Raimundo Lopes Viana e de Teresa de Jesus da Costa Araújo; no dia 7, Rosa, filha de António Peixoto, industrial e de Maria Gonçalves Gouveia. Foram padrinhos João Baptista de Sousa Gouveia, proprietário e Idalina Gonçalves Gouveia; no dia 9, José Luís, filho de Elísio Manuel Vieira Fernandes e de Maria do Sameiro da Rocha Fernandes. Foram padrinhos José Luís Gonçalves Araújo, técnico agrícola e Augusta da Silva Arantes.

ANIVERSARIO

Festejou o seu 39.º aniversário natalício, no passado dia 31 de Agosto, o nosso amigo Horácio Cerqueira Ferreira, paroquiano desta risonha vila e assinante do "Vilaverdense".

Desejamos-lhe as maiores prosperidades e que repita esta data por muitos e muitos anos.

NOVOS SEMINARISTAS

Deram entrada no Seminário da Costa, Guimarães, no passado dia 10, cinco esperançosos filhos desta terra, cheios de coragem, para se alistarem na milícia do Senhor. Foram os meninos: António Alves de Macedo, António Peixoto Monteiro, João Pinto de Araújo, Joaquim Magalhães Araújo e José Alves Capa.

Dentro de alguns dias seguirá, também, para Viana, com destino ao Seminário das Missões do Espírito Santo, António Cerqueira Peixoto.

Fazemos votos para que estes candidatos à vida sacerdotal, saibam corresponder ao chamamento divino e apresentamos os nossos parabéns aos seus bondosos pais pela preciosa oferta que fizeram ao Deus dos exércitos.

NOVA IGREJA PAROQUIAL

Encontra-se em exposição, na casa da Sr.ª D. Maria Pereira Lima, lugar da Ponte, um desenho da nova igreja paroquial. Todos quantos o têm visto ficam devéras encantados ao presenciarem uma obra que, embora simples no conjunto, denota muito gosto estético do arquitecto que a elaborou. Está de parabéns.

Teremos, com este melhoramento, resolvidos muitos problemas paróquiais.

Se alguém quiser apreciar melhor este valioso trabalho pode dirigir-se à residência paroquial, onde encontra a planta, que explica tudo pormenorizadamente.

Jantar de homenagem aos doutores Fernando Leão Ferreira da Silva e Lucíolo Antunes Coelho

Concluíram com brilho as suas licenciaturas respectivamente em direito e ciências histórico-filosóficas, os doutores Fernando Leão Ferreira da Silva e Lucíolo Antunes Coelho. Por esse motivo reuniram-se com eles num jantar de júbilo e congratulação os seus amigos, quase todos companheiros de escola.

Assim, a um de Setembro passado, num ambiente de alegria, amizade e camaradagem sãs, realizou-se a festa, em que confraternizaram jovialmente trinta e cinco rapazes. A reunião de exuberante convívio, foi obra da vontade unânime de todos em mostrarem a alegria que lhes trouxe o merecido triunfo dos doutores Fernando Leão e Lucíolo Coelho.

Foi uma homenagem que além de manifestação espontânea de alegria, constituiu testemunho ineludível da estima grande em que todos têm os homenageados.

Obras no cemitério

Vai a digníssima Junta desta freguesia dar início a umas obras de absoluta necessidade, no cemitério desta paróquia. Cumpridora do seu dever e sempre pronta a zelar os interesses da freguesia, não descansou enquanto não conseguiu um subsídio da Câmara do nosso extenso e progressivo concelho, para um dos melhoramentos de primeira necessidade — o arranjo do cemitério.

Mas este subsídio, embora muito valioso, é pequeno para as obras em vista. Precisa de muito mais. Onde o conseguirá?

A boa vontade e o espírito de sacrifício, dos filhos desta terra saberão dar uma resposta satisfatória. Cada lavrador oferecerá um ou mais carros de areia, o que não custa muito. Quem não tiver possibilidades de fazer carros, terá a sua bolsa que, por magra que seja, sempre terá alguma coisa a dispor para benefício dum das obras mais queridas ao coração do nosso povo. Ninguém faltará com a sua esmola. Até mesmo os nossos irmãos que andam por terras longínquas, em busca de melhores dias, marcarão a sua presença, aformoseando o lugar onde repousam os corpos dos seus entes queridos e, onde, possivelmente, deixarão o seu, até ao Juízo Universal.

Vamos, amigos, procuremos arranjar, como convém, a nossa casa e assim mostraremos a quem passar, junto dela, a nossa grande fé, o nosso terno amor aos que já lá se encontram e assim conseguiremos também que, mais tarde, outros se lembrem de nós.

Falecimento

Maria de Lima

Confortada com os sacramentos da Santa Igreja, entregou a sua alma a Deus, no passado dia 31 de Agosto, a Sr.ª Maria Lima, mãe do Sr. Adolfo Lima, assinante do nosso jornal.

Naturalmente já está a gozar as delícias do Paraíso, coroa dos seus grandes mártírios, resignadamente suportados, durante uma longa doença de seis anos.

Apresentamos as nossas sentidas condolências ao Sr. Adolfo Lima e a toda a família enlutada.

Escariz — S. Mamede

Agosto 30

Cumprimentos.

Deste afastado e bucólico cantinho do concelho, dirijo respeitosos cumprimentos ao Ex.º Director e a todos os que batalham nesta nova trincheira da B. I.

Foi muito feliz a deia da fundação deste novo periódico, embora não tenha sido isenta de certas dificuldades. Jovem ainda, «O Vilaverdense» já percorre afoitamente todas as freguesias do concelho e parece também ter levantado arrojado vôo para além-Atlântico! Avante!

Apesar de cansado e doente, envolto ainda em pesado luto, se me permitirem, uma ou outra vez enviarei breve correspondência que possa interessar aos leitores.

Vida religiosa

Na sua antiquíssima ermida, realizou-se, no p. p. domingo, a tradicional romaria de S. Bartolomeu.

Foi muito concorrida e não se registou a mínima nota discordante.

Fez o panegírico do santo o Rev. P.º Domingos Apolinário, da Igreja nova, recentemente ordenado e com decidida vocação para o púlpito.

Baptizados

Na igreja de S. Mamede foram baptizados: Maria Rosa — f.ª de Manuel de Macedo e Alzira de Barros; João Armindo — f.º de Adelino de Sueiros e Rosa da Costa.

Na de S. Martinho: Manuel — f.º de António Machado e Maria da Conceição da Costa Moreira.

Férias

Na casa de seus pais encontra-se o estudante Manuel da Silva Lopes — aluno do 5.º ano do Colégio de Montariol, a gozar as costumadas férias.

A descansar umas semanas esteve na Casa Duarte de Azevedo, comerciante na praça do Porto.

Praias

Estão na Póvoa de Varzim, a uso de banhos, as Senhoras D.ªs Delfina da Silva Ferreira e Maria da Silva Ferreira.

De lá regressou a sua casa a esposa do Sr. Adelino Azevedo, comerciante nesta freguesia.

De Lisboa onde estava empregado, regressou a casa de seus pais António Azevedo da Costa, que brevemente retira para o Brasil, junto de seus irmãos José e Adelino Azevedo da Costa, comerciantes.

Colheitas

Estão muito atrasadas as colheitas, devido à irregularidade do tempo. A produção de cereais

deve ser inferior à prevista, devido à falta de calor. A produção de vinho deve ser também menor e de qualidade inferior à do ano p. p.

A maturação é bastante irregular e o apodrecimento alastra intenso, sobretudo nos vinhedos mal tratados. Contudo confiemos. Diz o ditado: «Quando Deus quer, nada passa mal». —C.

Couto de Moure do Libão

Várias Notícias

Laje, Setembro de 1956

Subscrito pelo sr. Engenheiro Alberto Braga da Cruz, foi entregue na Câmara Municipal o projecto da electrificação da freguesia da Laje, afim de ser apreciada na sessão de 6 do corrente mês de Setembro.

É bom que tal projecto se converta em realidade por se tratar de uma das freguesias mais importantes do concelho e daquelas que apresentam maior movimento.

A justiça mandava que se tivesse olhado para ela com mais carinho; mas como a sua hora também chega, aguardamos os acontecimentos.

—A estrada que deriva para o lugar do Sobreiro, agora com a barba feita, já parece outra coisa.

Será bom que a derivante de Febros aos Barrocos — a de maior movimento do concelho — não seja esquecida e dê novo estímo, para não termos o desgosto de nos retirarmos a ca.ªeira da Viação Auto-Motora, que serve numerosas freguesias, pois,

(Continua na 6.ª página)

Oferta solene para as obras paróquiais

POVO DE PRADO

Eis para ti um apêlo:

Sabemos que és generoso e fiel aos destinos da nossa Querida Vila. Ei-la, sempre menina e graciosa, a bater-te à porta.

Recebe-A bem e ouve o que te pede:

—Da tua indústria, do teu comércio, dos teus campos, das tuas economias, do teu suor, concorras para o seu engrandecimento, para o seu progresso.

É necessário que tenhas um Salão Paroquial; para ti, para os teus filhos, para as tuas filhas.

A mocidade precisa de se divertir. Se lhe não proporcionas divertimentos sãos, procura os corruptores.

Urge que se ponha travão ao vício que acelerada e assustadoramente campeia por toda a parte, e ronda os teus filhos, os filhos da tua mui nobre Vila! Que Ela, revestida de encantos, se não revista de ruína, trocando a sua capa sã e varonil, pela da impudícia, do vício e do luto moral.

Escuta! Ouve o que Ela te diz:

—É a ti, bom Povo, que me dirijo. Sou a tua Vila, a tua terra, o teu solo abençoado que fala, que implora, que suplica!

Sabemos sobejamente, que em matéria da Religião Cristianíssima, não te poupas a sacrifícios; e, ao chamo do sino da tua Paróquia, não só de perto, mas dos confins da freguesia, a mais de 2 quilómetros, chova, faça calor ou frio, marcas a tua presença.

Queremos também uma Igreja! Diz, bom povo: Queremos uma Igreja acessível a todos.

É's pobrezinho?... Não importa!

Que no dia 1 de Outubro a tua filha, generosa como é, leve na mão algo que represente o teu sacrifício: Um coelho, uma galinha, uma arropa de batata, etc.

Todos estes pequeninos nadas em conjunto, farão um montão de sacrifícios, de suor e de lágrimas, que serão compensadas pelo Altíssimo!

Todos! que no dia 1 de Outubro, não falte ninguém com o seu grande ou pequenino óbulo, conforme as suas posses, a dizer:

—Do pouco que tenho, eis o sofrimento dum dia!

Toma, Querido Prado, é para ti, é para nós.

—Povo do norte, que, desde o Vilar, Ramalha, S. Tiago, etc. tão devotadamente accorres à messe bendita, e de de os tempos mais remotos te consagraste à religião que tão dignamente defendes; reconheces quão grande é o sacrifício que, desde a tua infância encaras com resignação, para dizeres: pronto, Senhor, aqui estou. Lamentas e não sem razão, uma igreja tão deslocada!

Eis que me levanto eu a defender-te! Eis-me pronto a entregar-te a coroa-fruto da tua dedicação e constância.

Para isso, povo do norte, avante! Conto contigo, pois que é necessário o teu esforço.

—Povo da Ponte, lindo coração da nossa remota e gloriosa Vila: evoca o seu passado, e nada lhe recusas.

É's generoso, e sabes corresponder com o teu super-bairrismo às necessidades d'Aquela ante a qual o Cávado, se curva e beija os pés.

Tu, ó Ponte! Tu, ó Fada, ó ninfa, ó madressilva poética do sonho, do meu sonho de criança!

Eis que os meus olhos estão postos em ti, na tua generosidade.

A ti, povo da Vila, onde a Vila foi mais Vila; a ti, o grito de auxílio da terra que foi tua e é tua:

Vais agora mostrar até onde chega a tua generosidade.

Nós, os lugares unidos que formam este vasto jardim, de de os Carvalinhos à Córca e desde a Fozelha às Caldas, deixando quase ao centro da Cruz o cantinho dos Doutores, (Portelo), vamos mostrar o quanto valem, o quanto queremos ao pedacito de solo aquém-rio, para que hoje, amanhã e sempre, os nossos corações possam gritar aos quatro ventos:

O Prado da minha Terra

É's a Terra das flores.

É's o Prado da minh'alma,

A Terra dos meus amores!

D. GONÇALVES

Por um Mundo Rural Melhor

Uma Campanha dos Organismos Agrários da Acção Católica de Braga

Prossegue no maior entusiasmo esta Campanha que pelas proporções grandiosas que está assumindo, tem operado uma notável influência no ambiente rural minhoto.

Tem sido extraordinário o interesse despertado pelas numerosas reuniões regionais que se têm realizado para propagação de cinco milhares de filiadas e filiados, número este que ultrapassa de longe as previsões mais optimistas.

Os temas de estudo da Campanha que oportunamente foram anunciados e que se encontram reunidos e explicados num opúsculo distribuído às secções, têm sido largamente e proveitosamente debatidos nas várias reuniões já feitas.

Por sua vez os Rev. os Párocos iniciaram já um ciclo de homilias integradas no plano da Campanha.

Assim, além da origem, missão e finalidade sublime do trabalho tem sido também profundamente exposta e discutida a sua realização digna e cristã.

Neste último aspecto merece especial atenção a actividade apostólica que se iniciou para afastar do trabalho agrícola os seus principais factores de desmoralização, não esquecendo também as injustiças e opressões nele e por ele realizadas e ainda o uso e abuso da pessoa humana e dos direitos de cristão.

Tudo faz prever que a Campanha iniciada tem assegurado um grande êxito que se espera ver comprovado na Festa das Colheitas que se realizará em todas as freguesias da Arquidiocese em fins de Setembro e princípios de Outubro.

Estas festas de sentido profundamente católico serão a manifestação iniludível da gratidão dos lavradores pelas bênçãos de Deus sobre os seus trabalhos realizados dentro dum elevado espírito cristão.

— "Ora et labora" ... Mãos no trabalho e coração em Deus — é o lema que pretendemos gravar indelévelmente no coração e na alma de todos os agrários, os quais assim — à custa do seu labor e da sua oração — hão-de conseguir realmente porque para isso lutamos

"UM Mundo Rural Melhor"

De longe e de perto

Não foi ainda solucionada a Questão do Suez e que levará seu tempo.

— A cidade de Argel foi abalada por duas fortes explosões durante a noite de 4.

— No dia 31 de Agosto, em Buenos Aires, explodiu também uma bomba em frente da residência do general Bengoa, antigo Ministro do Exército.

— O Bispo de Rochelle (França) foi vítima de um acidente de automóvel.

— Em Hyderabad abateu uma ponte à passagem do comboio, tendo perecido afogados numerosos passageiros. É o segundo desastre em menos de dois anos, tendo morrido no primeiro 300 pessoas.

— Na cidade de Guatemala, foram fuzilados três bandidos condenados à morte por terem assassinado o Caixa do Hospital Geral com o fim de roubarem o dinheiro confiado à sua guarda.

— Em Montevidéu, a chuva torrencial tem provocado grandes inundações e causado graves prejuízos, tendo perecido afogadas milhares de cabeças de gado e grande número de animais domésticos.

— A Ilha Formosa foi trágicamente varrida por um tufão, que provocou estragos consideráveis materiais, 27 mortos e 200 feridos.

— Nos subúrbios de Jefferson (Missouri), numa passagem de nível, o comboio colheu um autocarro e atirou com os destroços a grande distância. Morreram 9 pessoas e 2 feridas gravemente.

— Segundo informam de Goa, oito barcos estrangeiros carregam minério no porto de Mormugão e lá é esperado também o navio «Niassa».

— O general Gruenther, comandante supremo das Forças da Nato não acredita que haja nova Guerra.

— Na União Indiana grassa uma epidemia, muito semelhante à cólera, que tem feito muitas centenas de vítimas e tende a alastrar.

— Vai ser aumentado o número de matrículas na Escola do Magistério Primário de Braga, talvez de 80 para 120.

Aniversários

— No dia 18, ocorre o aniversário do sr. Alberto dos Santos Costa, comerciante da Praça do Porto;

No dia 22, celebra também os seus anos o Rev. mo Sr. Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva, digníssimo Arcipreste de Vila Verde, Abade de Prado e Juiz da Confraria de Nossa Senhora do Alívio.

No dia 21, ocorre também o 16.º aniversário do falecimento do Rev. Arcipreste e Abade de Vila Verde, P. e António José Rodrigues, que foi o grande precursor da recristianização da Romaria do Alívio.

José Augusta Vieira

(Continuação da 3.ª pág.)

Dentro em pouco o severo estilo ogival terá substituído a tua modesta habitação antiga. O' meiga e doce Mãe do Nazareno! Mas ó fragilidade do humano barro, nem por isso os teus devotos deixarão de avizinhar-se das portas esbraseadas dos fornos (!), que estão

Couto de Moure de Libão

(Continuação da 5.ª página)

além da Laje, dela beneficiam as circunvizinhas: Prado, Oitros, Atiães, Moure, e até mesmo os de Cervães, Parada de Gatim, S. Mamede e São Martinho de Escariz, que todas fornecem apreciável contingente.

— Como de costume, esta freguesia dispõe-se para tomar parte na Peregrinação concelhia ou arceprestal ao Santuário de Nossa Senhora do Alívio, na qual as associações religiosas da Laje costumam apresentar-se com aprumo digno de louvor.

— Tem passada incomodada a sr.ª D. Maria Gomes Correia Ferraz, actual proprietária da Quinta de Febros (a da Capela de S. Francisco Xavier). Fazemos sinceros votos pelo seu rápido restabelecimento.

— Em gozo de férias e em viagem de recreio, passou há dias por esta freguesia o Rev. Augusto Luis Ferreira de Matos, aluno da Universidade Pontificia de Roma, em representação do Seminário de Vila Real de Trás-os-Montes. É natural da freguesia de Beça (Boticas) e sobrinho do falecido P. Jeremias Ferreira de Matos, que foi discípulo do Rev. Pároco da Laje. Na sua passagem por aqui, foi hóspede dos srs. António Martins Henriques e esposa, D. Albina de Magalhães Martins, com os quais se havia encontrado em Vidago.

— De visita à família, esteve também na Laje a sr.ª D. Rosa Ferreira Quintão, que esteve ausente no Rio de Janeiro durante longos anos.

Com o nome de Maria Garetti, foi baptizada no dia 26 de Agosto, uma filhinha dos srs. Francisco Ferreira Coutinho, empregado nos C. T. T. e esposa, Estela da Conceição Carneiro.

No dia 30, foi baptizada outra menina, com o nome de Rosa Helena, filha de José Pereira de Abreu e de Maria Valente da Costa.

— Faleceram na Laje: António José Antunes, de 57 anos; António Gonçalves Seara e as inocentes Maria Fernanda Castro da Silva Cunha, filha de Joaquim da Silva Cunha e de Zaida Arantes de Castro, e Rosalina da Silva Barros, uma das gémeas, filha de Mário da Silva Barros.

— Nesta quinzena fazem anos: — No dia 14, os srs Amarílio Gonçalves Ribeiro e, no dia 18, sua irmã Albertina Gonçalves Ribeiro;

No dia 26, D. Maria do Rosário de Magalhães Madeira, filha dos srs. Professores oficiais da Laje, Abel Madeira e esposa, D. Aurora dos Anjos Pereira de Magalhães;

No dia 29, o tio da anterior, sr. Francisco Pereira de Magalhães, ausente, há muitos anos, no Rio de Janeiro.

A todos apresentamos as nossas felicitações, com votos de muita saúde e longa vida.

— Além das visitas mencionadas, recebi também a do sr. Fernandes Alves, destacado na Alemanha, em serviço das forças aéreas americanas, na especialização de radar. Veio acompanhado por seu pai, José António Alves (de Castelão), estando este agora a residir em Prado. Muito grato pela atenção. — C.

Soutelo

Setembro de 1956

No passado dia 11 do corrente, colheu mais uma primavera, para completar o seu 5.º aniversário natalício, a graciosa menina, Maria do Sameira Dias de Barros.

Seus pais D. Guiomar Dias de Barros e Manuel de Barros, respirando ainda o ar alegre do dia 14 do mês último pela passagem dos aniversários dos seus pequenos gêmeos, de novo vieram o seu Lar iluminado de ambiente festivo.

Neste céu de felicidades, que Deus lhe tem concedido, pedem com fervor à Virgem do Sameiro, para que lhes guarde a existência destes seus filhinhos queridos.

No dia 11 do corrente, comemorou também o seu aniversário a sr.ª D. Margarida Júlia Ferreira da Costa, esposa do sr. Inácio da Costa, negociantes em Soutelo, do lugar do Casal.

— C.

(estavam) de espaço a espaço semeados por entre a vastidão umbrosa da alameda!

Aí tem um estilo que não muda, porque jamais a piedade consentirá em visitar-te nos dois Domingos de Setembro, sem que saibas de antemão que os estalajadeiros de arraial aí estão atarefados junto dos fornos públicos, ministrando à religiosa união dos crentes, de mistura com o arroz e o cabrito, as vidradas infusas de Prado, onde transborda a boa pinga do verde de Vila Verde.

* * *

Lançando uma vista de conjunto sobre a actividade económica do concelho, salta entre to-

das as suas manifestações, a da vida agrícola e pecuária.

Intellectualmente pode dizer-se atrasado o concelho; e a este atraso corresponde por igual a sua moralidade civil.

Tem na imprensa um representante moderno, a «Folha de Vila Verde», e as suas escolas encontram-se distribuídas pela seguinte forma:

Abóim, uma para o sexo masculino; Cervães, masculino e feminino; Duas Igrejas, masculino; Escariz, masculino e feminino; Goães, Laje, Marrancos, Moure, Novegilde e S. Paio do Pico, masculino Santa Maria de Prado, masculino e feminino; Soutelo Valbom e Baldeu, masculino; Vila Verde, masculino e feminino.

A estatística do crime referem-nos os seguintes dados:

Cometeram-se em 1880, 34

(Continua na 7.ª página)

Campanha apaixonante

Foi lançada, aqui há tempos, uma valente como interessante campanha em prol dos poéticos nichos das Alminhas, abençoados monumentos que, semeando formosamente o chão nacional, atestam eloquentemente uma tão velhinha como sincera devoção do povo português às almas padecentes no Purgatório.

Muito se escreveu de tal assunto. Apareceu, até, um livrinho encantador, «Alminhas», da autoria do P. e Francisco de Babo.

Na segunda edição de tal opúsculo, saída a público no Ano Mariano, 1954, escreveu o feliz Autor que «em menos dum mês se esgotou a primeira, acarinhado até pelas altas estâncias oficiais e louvado por Prelados da Igreja».

Não admira! Era de prever tal vitória, ou não se tratasse, e também, duma causa deste género!

Foram restaurados muitos nichos e erguidos muitos outros. E, devido, sobretudo, a uma ilustre senhora do concelho de Amarante D. Sara Cardoso, «apóstola fremente das Almas», a quem muito justamente se refere com elogios o supracitado Autor, devido, sobretudo, a essa grande alma foram copiosamente espalhados mealheiros, postais, cartões, sobrescritos e papéis para carta com estampas dos mais bonitos nichos da região e dizeres piedosos, em prosa e verso».

Ateu-se, não há dúvida, um «formoso incêndio» que, felizmente, promete desenvolver-se em todo o nosso queridíssimo Portugal.

Sabedor de tudo isto, julgava eu, no entanto, que, por aqui, não surtiriam grande efeito os louváveis esforços de tão boas almas. Pensei, até, e com tristeza, que tais esforços se não viriam a sentir cá.

Felizmente, enganei-me! ...

Com efeito, uma destas bondosas senhoras que sabem viver a sua fé, uma nobilíssima alma, autêntica encarnação da mulher cristã de Portugal, lendo o livrinho salutar a que acima aludi, soube escutar comovidamente a voz do Purgatório. E respondeu-lhe como devia. Refiro-me à Senhora D. Maria da Piedade Gonçalves de Araújo, daqui de Prado, irmã do sr. P. e José Gonçalves de Araújo, pároco da vizinha freguesia de Cabanelas. Esta santa Senhora, estimulada pela sua grande devoção às Benditas Almas da Igreja purgante, espicada ou entusiasmada pelo magnífico exemplo de inesquecível D. Sara Cardoso, não descansou enquanto não viu erectas umas Alminhas num dos seus prédios. E, no dia 1 de Abril deste ano de 1956, dia de Páscoa, inaugurou-se o poético santuáriozinho artisticamente encastado na parede dum seu prédio, no lugar dos Carvalinhos, à face da estrada e à direita de quem segue para Barcelos. O dispêndio foi de cerca dum mil escudos.

Lindo gesto o desta Senhora! Está de parabéns! e, não só ela, mas toda a nossa risonha freguesia de Prado! E, se na História de Portugal, há-de figurar, sem dúvida e favor, a imortal D. Sara Cardoso, na História desta paróquia brilhará, com certeza, e não sem merecimento, a já immortalizada D. Maria da Piedade G. de Araújo. A ela cabe a honra de ter sido, em Prado, a primeira a ouvir a voz desta grande campanha, desta «obra nacional, obra nacionalista, obra portuguesa, porque eminente, substancialmente cristã».

Por conseguinte, deve-lhe Prado esta obra, este gesto de bom gosto, de projecção na sua história! Melhor direi, é a Pátria que lho deve, porquanto «erguer um nicho hoje é como que colaborar na restauração, no renovamento das tradições lídimas desta pátria gloriosa».

Sigamos-lhe o exemplo!

Abriu-se a campanha, «O Vilaverdense» é o arauto de tão nobre causa: frequentemente e até, se possível, quinzenalmente, escrever-se-á sob o título de «campanha apaixonante».

Ocupando-se disto o nosso jornal será também aquilo para que foi criado: pregoeiro da devoção a Nossa Senhora do Alívio. Isto porque, ordinariamente, e mesmo por tradição, como diz o citado livrinho, a figura central é Nossa Senhora do Alívio estendendo o Rosário às benditas almas a seus pés.

Não me dirijo, pois, sòmente, ao povo de Prado, mas a toda a boa gente deste simpático concelho, ou melhor, a todos os devotos da Senhora do Alívio. Vamos erigir ou restaurar Alminhas, mormente onde figure Nossa Senhora do Alívio.

«Adense-se a rede das capelinhas da devoção e da arte popular, construam-se nichos de alminhas em profusão, por todos os lugares e caminhos e Portugal readquirirá a feição e a confirmação do país cristão, individualizado e característico, pois esta nota dos tamanhos santuários das Alminhas é cunho singular e bellissimo de Portugal de antanho, católico, apostólico, romano».

Eis a campanha apaixonante!

FRANCISCO A. FARIA

CASA DOS TERÇOS

DE

António Teixeira Fernandes

Rua Francisco Sanches, 85-89

BRAGA

Telefone, 2862

Casa especializada em terços nacionais e estrangeiros. Estampas para Comunhões, Missas Novas, Diplomas, etc. Estampas encaixilhadas de diferentes tamanhos; Crucifixos, pias de água benita, imagens de terra cota e todos os artigos para o Rev. Clero.

Livraria Religiosa e Artigos de Papelaria

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Descontos para revenda e ao Rev. Clero

José Augusto Vieira

(Continuação da 6.a página)

crimes, sendo 3 contra a ordem, 21 contra pessoas e 10 contra a propriedade.

Foram 62 os réus julgados, sendo 49 absolvidos e 13 condenados, um só dos quais a pena maior. Eram 36 homens e 26 mulheres. Dos 62 réus sabiam ler 56 e eram analfabetos 36; pertenciam à comarca 56 e eram de fora 6.

* * *

A natureza fértil do concelho, os seus montes acomodados à apascentação dos gados, os seus prados rivosos e húmidos fazem de Vila Verde um importante centro agrícola.

O relatório do Agrónomo do Distrito diz, no livro a que nos temos socorrido, o seguinte a respeito do concelho:

É sobretudo pelas freguesias de *Aboim, Baldreu e Gondomar*, próximas às fronteiras do concelho de *Terras de Bouro* e também pela freguesia de *Cabanelas*, que Vila Verde tem produção e criação própria, pela maior parte das outras que ele cria e pelas paróquias de *Moure, Laje, Toriz, Soutelo, Barbudo, Cervães* e outras, que pença e ceva.

A criação é todavia o ramo dominante da indústria bovina deste concelho, não obstante isto a que se comprem fora vezes já feitas. Os montes mais férteis e acomodados à apascentação do gado são os de *Aboim da Nóbrega, Gondomar e Baldreu*. O monte ou serra do *Borrelho* pode também dar bom pascigo aos gados, favorecendo a criação bovina na freguesia de *Duas Igrejas, Doães, S. Miguej de Prado, Doães* e circunvizinhas.

Neste concelho há, como nos de *Cabeceiras de Basto, Vieira e Terras de Bouro*, o cuidado de escolher e conservar as crias que prometem ser boas vacas.

O mapa seguinte dá o valor pecuário do concelho:

Espécies	N.º de cabeças	Valores
Cavalar	518	8.651\$000
Muar	119	3.450\$000
Asinino	148	310\$000
Bovino	5.658	196.065\$000
Lanar	4.057	1.408\$200
Caprino	572	330\$240
Suíno	3.723	15.974\$000
		226.188\$440

A produção vinícola do concelho é relativamente insignificante relativamente às suas outras produções agrícolas; são as freguesias da ribeira de *Homem e Cávado* as que mais e melhor produzem, e dentre essas especializam-se *Prado e Soutelo*.

O relatório do falecido Visconde de *Vila Maior* acrescenta que não há particularidade que valha a pena mencionar-se enquanto às castas de uvas cultivadas, modelo de fabricação do vinho, construção de lagares, etc. Na exposição internacional de Londres não apareceram vinhos do concelho. A vida económica é ainda fácil em *Vila Verde*, como prova a seguinte tabela:

Vinho, pipo de 20 almudes	19.000	reis
Trigo alqueire	700	»
Milho »	340	»
Feijão »	500	»
Batata »	340	»
Ovos, dúzia	80	»
Galinhas, uma	300	»

São estes os preços correntes dos seus mercados quinzenais, uma vez no *Pico*, outra na sede da comarca, aos sábados, e ainda nas suas duas grandes feiras de ano, em 13 de Junho e 13 de Dezembro.

Apresenta-nos depois mapas estatísticos da população de cada freguesia, agora desatualiza-

dos, mas que não deixam de ser interessantes para confronto.

Menciana por fim, os lugares de cada uma das freguesias, que seria fastidioso enumerar, embora não deixe de ser interessante.

É natural que estes extractos hajam interessado a maior parte dos leitores de «O Vilaverdense» pelas referências que lhes tenho ouvido fazer.

Embra não seja estudo perfeito e completo, já serve de base para que os estudiosos vão desenvolvendo mais notas para elaborar Monografias locais ou mesmo a de todo o Concelho, a que aspirava o saudoso Abade e Ascipreste de *Vila Verde*, o Padre *António José Rodrigues*, o primeiro impulsor da recriação da Romaria do *Alívio*, falecido a 21 de Setembro de 1940 e que era natural de *Rio Mau*.

Ultimas notícias

Oriz (S. Miguel)

9 de Setembro

Baplino

Na igreja paroquial desta freguesia foi baptizado a vinte e seis do mês de Agosto findo uma criança do sexo masculino, que recebeu o nome de *José Maria*, filho legítimo de *Manuel António Fernandes* e de *Ana Teresa Fernandes da Costa*, do lugar da *Residência*.

Doente

Depois de longo tempo de tratamento no hospital deste concelho, por motivo de desastre que lhe causou traumatismo e esmagamento parcial dos membros inferiores, já se encontra em sua casa, no lugar da *Residência*, a *Sra Maria Fernandes de Freitas*, casada com o *Sr. Manuel António Fernandes*. Embora temporariamente impossibilitada de andar, há esperanças e sintomas de vir a fazê-lo brevemente, com o que folgamos.

Outras notícias

—Chegou também e esta freguesia nova remessa de géneros; desta

Festa do Senhor

A Confraria do Santíssimo Sacramento de *Penascals*, creta em 1760, e a única sobrevivente nesta freguesia, promoveu, a dois de Setembro, a sua festa anual que teve a brilhantia da primeira comunhão de oito crianças.

A missa celebrada pelo rev. P. Abel Morais foi acolitada pelos revs. P. José Fernandes de Azevedo e P. João Maria Timoco. A tarde, pregou o rev. P. Azevedo.

A mesa da Confraria para 1956-57 ficou assim constituída: *Manuel Pereira Gomes* para juiz, o rev. pároco como secretário e *José J. da Rocha*, tesoureiro.

Vida de Sociedade

—Baptizou no dia 7 de Setembro, com o nome de *José*, um filho de *Maria Pereira Neves* e de *Manuel Rodrigues Pereira*.

—No dia 9 de Setembro recebeu o Santo Baptismo, com o nome de *Maria do Céu* uma filha de *António Pereira*. Foram padrinhos *Rosa da Costa Fernandes* e *David Fernandes Gonçalves*, aluno do 5.º ano do Liceu de *Braga*.

—Da *Póvoa* regressou *António J. Gonçalves*, excellentíssimo Presidente da Junta e nosso prezado assinante, acompanhado de sua esposa e filhos. — C.

Noticias pessoais

Encontram-se entre nós os Ex.mos Senhores:

Dr. Pedro Vicente de Morais Campilho, Dig.mo Juiz de Direito na Comarca de *Agueda*, com sua família.

Dr. Arberto Leão Ferreira da Silva, Delegado do Ministério Público em *Lisboa*, com sua esposa.

Manuel Leão Ferreira da Silva e *Dr. Fernando Leão Ferreira da Silva*.

Quirino Torres Soares, Dig.mo Gerente da *Companhia Fabril do Cávado*, com sua família.

Escariz, 12

Estrada de Escariz

Chamamos a atenção de quem de direito para o estado de abandono em que se encontra a estrada desta freguesia, a única via de comunicação dos habitantes desta região. Devido à intensa invernada das últimas semanas, caudalosas torrentes invadiram a estrada, em diferentes pontos, arruinando-a e dificultando imenso o trânsito.

Que, ao menos, se cuide da indispensável limpeza dos aquedutos, das valetas e se vigie para que estas e as vermas não sejam obstruídas com toros, pedras e outras coisas mais.

Troço em construção

Todos sabem e reconhecem a grande vantagem e urgente necessidade da ligação entre as duas freguesias. Pede-se encarecidamente que não demore muito a resolução do embaraço posto à continuação do referido troço de ligação.

Entretanto seria de maior conveniência mandar abrir as valetas e concluir os aquedutos e sifões de rega para se poder transitar pelo trajecto já terraplanado.

Pela Casa do Povo

É digna dos melhores louvores a direcção desta Agremiação por ter conseguido assistência médica para os sócios da mesma. Essa missão foi confiada ao *Sr. Dr. João Ferreira Soares*, residente em *Goães*.

Informaram-nos que é um clínico competentíssimo e muito dedicado à pobreza. Seja benvindo, *Sr. Doutor*.

As consultas serão dadas às segundas e sextas-feiras das 14 às 17 horas, na sede da *Casa do Povo*.

Prado, S.ta Maria

Partidas

Depois de uns escassos meses, passados junto de sua querida família, partiu, no dia 4 de Setembro, para *S. Paulo (Brasil)*, onde há anos se encontra, o nosso estimado amigo snr. *José de Sousa Machado*, deixando entre os seus conterrâneos muitas saudades.

Que Deus o ampare no caminho da vida e o grande desejo dos seus amigos de Prado.

No dia 3 de Setembro, partiu também, para a *Alemanha*, onde está em serviço da aviação, o snr. *Fernando Alves*.

Disse-nos, ao despedir-se, que leva uma ótima impressão da nossa terra e que, em 1958, se Deus o permitir, voltará a abraçar seus bons pais e seus amigos. Oxalá que seus desejos se realizem.

A. P.

Visitas

Temos visto, de passagem por esta freguesia, os Revs. Párocos das freguesias vizinhas e outras em visita de cumprimentos ao nosso novo Pároco.

No passado domingo, estiveram na sua «*Casa do Porto*» dois grupos de ex-paroquianos de *Perre*, das pessoas mais categorizadas dessa freguesia que vieram com idêntico fim.

Agricultura

Consideráveis estragos causaram à agricultura as chuvas diluvianas, o tempo frio, e até o granizo misturado, das últimas semanas.

Conformar e confiar na Divina Providência A maturação dos milhos e dos vinhos está muito atrasada. Nalguns sitios a podridão alastra intensa nos vinhedos!

De regresso

Vindas da *Póvoa de Varzim*, já se encontram em sua casa as *Srs. D. Delfina e Maria da Silva Ferreira*, proprietárias desta freguesia.

Vindo do *Brasil*, encontra-se, de visita à sua família o nosso amigo, *João da Silva* — da *Casa do Coto*. — C.

PASTAS FRANCOR

RUA DO SOUTO, 105—TELEF. 22+8—BRAGA

O mais completo sortido de pastas, desde 10\$00 para todos os estudantes.

Oferta de brindes pela compra de duas pastas

FRANCOR: uma casa com fábrica

Necrologia

PADRE MANUEL DA COSTA GOMES

No dia 26 de Agosto, faleceu na *Póvoa de Varzim* este nosso prezado assinante, prestigioso Arcipreste de *Vila do Conde* e zelosíssimo Pároco de *São José de Ribamar*, também condiscípulo do Director de «O Vilaverdense» que poucos dias antes o havia convidado para a reunião do seu Curso de 1907-1910 em 28 de Agosto, a cujo convite já não pôde responder e muito menos assistir à reunião que, por misteriosa coincidência, foi no dia do funeral do saudoso colega.

Foi de grande actividade a sua vida sacerdotal, tendo iniciado o seu apostolado ainda como estudante nos agitados tempos que durou o curso.

Ordenou-se em 1910 e principiou a paroquiar na freguesia natal de *Paradela* — *Barcelos*.

Por coerência de princípios, teve de emigrar para o *Brasil*, onde esteve como coadjutor de *S. Carlos* e como Pároco nas freguesias de *Bica da Pedra e Barretos*, do *Bispado de S. Carlos do Piahal* e em *Portugal*, além de *Paradela*, paroquiu também a *Estela*, *Vila do Conde* e *S. José de Ribamar*, onde faleceu.

Paz à sua bela alma.

CASA CLARO

DE Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

SEDE — Rua D. Diogo de Sousa, 100

FILIAL — Rua Francisco Sanches, 91

TELEFONE 2305 — BRAGA

Primeira romagem

A' SENHORA DO ALÍVIO

Domingo, 9 de Setembro

A chuva... esta chuvinha, que tanto vai danificando a lavoira, também para a romagem ao Alívio não foi grande coisa...

O programa delineado, porém, foi seguido à risca. Com efeito, às dez horas, com o santuário à pinha, inicia-se a "Missa solene a grande instrumental". Foi um êxito! A parte musical foi de impecável execução. E, sem pretensão de argumentar, só digo que uma pessoa, aliás muito entendida nestas coisas de música, falou assim: houveram-se muitíssimo bem!

Finda a missa (e mesmo antes de findar...), não obstante as grossas pingas de água que as névens de chumbo, de quando em vez, descarregavam, o amplo terreiro da Senhora do Alívio era um mar de gente. E não pense alguém que o templo ficou vazio: não faltava lá gente em preces fervorosas, implorando ou agradecendo benefícios, cumprindo as suas promessas. Fora, os roucos ou agudos apitos das muitas camionetas que estão sempre a chegar, juntos à vozaria da multidão ou às notas vibrantes do carrilhão do santuário ou aos penetrantes assobios das crianças que se divertem perfazem uma óptima sinfonia, que a Senhora do Alívio, decerto, ouve com agrado.

Às quatro da tarde, começa o terço. O novo e grande edifício apesar de tão grande, é bem pequeno para conter o povo que a ele aflui de lábios floridos em Ave Marias.

A devoção ardente, a piedade sincera, é a nota predominante daquela gente sem conta que, olhos fitos na Senhora, desfia o seu terço ou canta com fervor.

Logo após a ladainha, sobe ao púlpito o afamado pregador da Virgem Nossa Senhora: Cónego Dr. José António Martins Gigante. O ilustríssimo professor dos Seminários de Braga que, posto a falar de Nossa Senhora, satisfaz, na verdade, quem no ouve. Tem-se visto e tem-se dito. Pois aqui, foi assim que sucedeu.

Terminado o eloquente sermão, a rapaziada, da Oficina de S. José, de Braga, canta admiravelmente o *Tantum Ergo*, a duas vozes. Confesso que, às primeiras notas, ajitei os ouvidos e cravei os olhos no coro para indagar se afinal seriam vozes humanas ou angélicas, que entoavam o santo latim. Perdoem-me o escândalo, mas, já agora, saibam que não fui o único a distrair-me...

A bênção eucarística foi dada pelo Rev. Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva, muito digno arcebispo de Vila Verde.

E agora, a brilhante e soleníssima procissão. À frente a Cruzada, depois, várias associações de piedade e mais atrás as confrarias da paróquia. Os respectivos estandartes nem lhes sei a conta.

Passa, depois, o andor de Nossa Senhora do Alívio. O povo, numerosíssimo, de um e outro lado, ajoelha, piedosamente. Ignorância lamentável que aliás se verifica não somente nesta, mas em todas as procissões que levam imagens — o povo é sempre, o mesmo, em toda a parte... E' da liturgia, manda a Santa Igreja e, por isso, o clero devia mandar que os fiéis se incorporem, o tanto quanto, nas procissões e não se limitem a meros espectadores e não façam genuflexão às imagens, mas apenas inclinação de cabeça, guardando a genuflexão para o pátio, com dois joelhos ou um, conforme é o Santíssimo Sacramento ou uma Relíquia do Sagrado Lenho que sob o pátio vai passando. E há muito jornalista que, em relatando procissões, se refere com louvores a esta errônea atitude do nosso bom povo... Mas, enfim, há males piores...

Após o andor, não faltam lindos anjinhos, revestidos da alvura da pura neve, do azul do céu límpido ou da púrpura das rosas.

Agora segue o pátio e sob ele conduz o Santo Lenho o Rev. Arcipreste Cónego Domingos Peixoto da C. e Silva, acolitado pelos Rev.s António Maria Vilela de Sousa e João Cirilo da Mota Araújo.

Logo atrás, a música da Oficina de S. José, de Braga. E depois, graças a Deus, muito povinho.

Feita a volta à grande esplanada da Senhora do Alívio, aquela magnífica procissão recolhe ao Santuário, já quase repleto de gente. Dada a bênção do Santo Lenho pelo já citado presidente da solenidade, termina a parte religiosa que o programa anunciava.

Contudo, à roda do templo, apesar da chuva e do movimento e de tudo, não faltam pessoas com mortalhas ou sem elas, segurando velas ou não, de joelhos ou a pé, dando voltas a rezar, cumprindo suas promessas.

Aquela mulherzinha que, de joelhos na lama areíscas, olhos rasos de lágrimas, dava voltas, rezando o terço em coro com uma loira menina duns quatro ou cinco anos, talvez sua filhinha, que rezava e chorava também, como me comoveu!... Que belo quadro!

No Santuário não faltava também gente a rezar com piedade. Cá fora, a chuva teima em cair, mas o povo teima em não se retirar. E' que a música de S. José, num palanque muito jeitoso, exhibe, com muito apuro e agrado, os seus belos concertos.

A noite, porém, vai caindo e o povo, aos milhares, vai-se retirando. Aquelas camionetas, inúmeras camionetas, de Guimarães (e era dia de grande festa na Penha), dos Arcos de Valdevez, de Viana do Castelo, de Braga, e sei eu lá donde... começam a desaparecer ao longo da estrada. Todavia a sensação que todos levam é de alegria, de maravilha, de deslumbramento.

Parabéns a todos que contribuíram para o feliz êxito desta festividade, nomeadamente parabéns ao servo (...), Adolfo, que tão lindamente exibiu seus *bersinhos* nos sinos do Santuário.

FRANCISCO A. FARIA

Ciclo litúrgico do Pentecostes

16. Domingo — No Evangelho refere-se o facto de Jesus ter entrado na casa de um dos príncipes dos fariseus para tomar uma refeição, e eles O observavam. Estava diante deles um hidrópico e Jesus perguntou se era lícito curar em dia de Sábado, mas eles não responderam, e Jesus continuou: Qual é de vós aquele que, se o seu animal cair a um poço, ainda que seja sábado, não trata de o tirar?

Mas eles não podiam responder a isto.

Reparando ainda Jesus no modo como os convidados escolhiam os primeiros lugares, disse ainda esta parábola: Quando fordes convidados para qualquer banquete, não vades ocupar o lugar de mais destaque, porque poderdes estar aí alguém mais digno de honra e então o dono da casa vos dirá: dá o teu lugar a esta pessoa e vós, envergonhados, tereis de ir ocupar o último lugar; mas, quando fordes convidados, procurai sempre o último lugar e aquele que te convidou te dirá: — «amigo, anda mais para cima.

Esta deferência honrar-te-á diante dos circustantes, porque todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha, será exaltado.

17.º Domingo — No Evangelho diz-se que os fariseus se aproximaram de Jesus e um deles, que era Doutor da lei, para O tentar, disse-lhe: «Ó Mestre, qual é o mandamento maior da Lei?»

Jesus respondeu: Amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua inteligência. Este é o maior e o primeiro mandamento. O segundo, porém, é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Nestes dois mandamentos está compendiada toda a Lei e os profetas.

Reunindo então Jesus os fariseus, perguntou-lhes: Que vos parece de Cristo, de quem é Ele filho? Responderam-lhe: De David. E Jesus continuou: Como e, pois, que David, em espírito, lhe chama Senhor e o manda sentar à sua direita? Mas eles também não podiam responder.

Peçamos a Deus omnipotente que, pelos santos mistérios, sejam curados os nossos vícios e obtenhamos remédios para as nossas almas em ordem à eternidade.

MAIS! SEMPRE MAIS!...

Lançamos, há tempos, nas colunas deste jornal a campanha dos mil.

Continuamos o nosso trabalho sem desalento nem cansaços que não podem haver, quando os nossos bons leitores nos compreendem como o têm feito até ao presente. Temos recebido grande número de assinaturas e, o que é mais consolador, juntamente ao pedido palavras como estas ditas por um novo assinante, ausente em França: «queira mandar-me o jornal, custe o que custar. Não o conhecia, mas apenas me chegou às mãos li-o, avidamente, e, no fim, fui obrigado a exclamar: gosto muito, está bom».

Já muitas outras referências elogiosas nos chegaram aos ouvidos, o que muito nos anima.

Estou certo, caro leitor, que também serás obrigado a dizer o mesmo, quando ouberes apreciar o nosso jornal.

Contamos, desde já, com a tua valiosa colaboração, angariando-nos novos assinantes e dando o exemplo, enviando também a tua direcção para a residência paroquial de Prado — Braga.

Eu sei muito bem que és devoto da Senhora do Alívio, que és a tua e a nossa boa Mãe do céu. Pois bem, é este o órgão de propaganda e divulgação do seu culto. Todos os quinze dias daremos notícias dos factos mais importantes, ocorridos no seu santuário.

Trabalha, amigo, e a Senhora do Alívio recompensar-te-á das tuas muitas canseiras e esforços que fizeres para bem do nosso jornal que, embora no alvorecer da sua existência, já anda muito espalhado, a ponto de não conhecer fronteiras, para bater à porta dos filhos deste formoso concelho de Vila Verde e a todos os devotos da Senhora do Alívio.

Avante, amigo, nunca te arrependers.

O ressurgimento espiritual

(Continuação da 1.ª página)

o coração do fertilíssimo vale, rodeado de intensa vegetação, dum bucolismo sentimental, palpitante ao coração dos crentes e à devoção filial. O povo ribeirinho da nossa região ergueu mais este monumento para atestar a sua religiosidade, e naquele lugar, porque a harmonia da paisagem pedia um templo central dedicado a Maria Santíssima, nossa Mãe e Mãe de Deus.

E' ponto de convergência dos fiéis, que, de longínquas regiões, ali vêm expandir as suas súplicas, agradecer graças obtidas nas horas de aflições.

Romaria do Alívio... Multidão de povo, que, cantando, rezando, folgando, caminha horas insanas para cumprir promessas.

E' das mais tradicionais romarias do Minho folgazão e crente. De início foi devota melodia de orações, cantares religiosos de festas cristãs; depois, folguedos tumultuosos, e, ultimamente vai sofrendo a sua transformação de recristianização, que merece muita ponderação e cuidados, para não se extinguir a afluência tradicional dos romeiros. Este Santuário está intimamente ligado à folclore regional, aos amores do nosso povo.

Tem passado por muitas fases de esplendor, decadência, política, e incompreensões, mas sendo um dos principais Santuários do Concelho de Vila Verde, e o que mais devoções conta nos outros concelhos vizinhos, necessita de grande simpatia e meticulosidade na sua orientação...

Muito escrevi nos mesmos jornais sobre o Santuário de Nossa Senhora do Alívio, muito escrevi, no mesmo periódico, sobre a Misericórdia de Vila Verde, o que o jornal "O Vilaverdense" tem andado a transcrever, e verifico, passados cerca de treze anos, que conheci bem a alma vilaverdense.

A transformação do Santuário de Nossa Senhora do Alívio é um facto. Nas festas ou romarias, já não andam os cabos de ordem de fouces encavadas; não vêm, de Braga, as forças de cavalaria, para dominar as desordens, já se não vê aquela orgia, bem digna da Roma pagã. Quem souber ler a legislação eclesiástica sobre as festividades religiosas verá que o único caminho a seguir foi o que se fez no Santuário de Nossa Senhora do Alívio.

Os Santuários Marianos devem ser centros de piedade, onde se viva a mensagem de Fátima: penitência e oração.

Os devotos de Nossa Senhora, os que oferecem as suas esmolas, pedindo graças ou agradecendo, querem ver o seu dinheiro, parte do seu trabalho, dos suores de cada dia, aplicados no exercício do culto, na intensificação da piedade, em obras de aformoseamento dos templos e seus anexos e em obras de caridade. Os discólos, os maus cristãos, aqueles que raramente oferecem um donativo aos nossos Santuários, querem ver o dinheiro piedosamente oferecido pelos crentes devotos gastos em arraiais, onde possam divertir-se à larga, à custa dos outros.

As festas do Santuário de Nossa Senhora do Alívio não são feiras anuais, nem festas de qualquer concelho, ainda que também nestas se devam observar os princípios básicos da moral.

Dentro do que escrevi desde 1941 até esta data, verifico com alegria que o Santuário de Nossa Senhora do Alívio seguiu boa orientação, fazendo o ressurgimento espiritual das suas festas e conseguindo atraír, de ano para ano, maior número de devotos. Quantos Santuários, outrora célebres, estão hoje em decadência por não saberem fazer este ressurgimento, seguindo as lamúrias dos velhos saudosistas.

PADRE DIOGO



O melhor café do Brasil
A Brasileira
Mário Joaquim de Queirós & C.
TELEFONE, 2104
BRAGA



CASA ARTE CRISTÃ
F. Vieira da Fonseca
RUA DO SOUTO, 38-40
BRAGA
PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA